

ALFREDO DA CUNHA

# LISBOA NA PAREMIOLOGIA PENINSULAR

*Conferência pronunciada no salão  
nobre dos Paços do Concelho em 25  
de Outubro (feriado da cidade de Lis-  
boa) de 1939.*



---

PUBLICAÇÕES CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — 1939

---



ALFREDO DA CUNHA

LISBOA  
NA PAREMIOLOGIA  
PENINSULAR

*Cartão de apresentação ao  
sobre as Partes de Casella em 18*  
LISBOA NA PAREMIOLOGIA  
PENINSULAR





LISBOA NA PARERMIOLOGIA  
PENINSULAR

---

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da C. M. L.

ALFREDO DA CUNHA

# LISBOA NA PAREMIOLOGIA PENINSULAR

*Conferência pronunciada no salão  
nobre dos Paços do Concelho em 25  
de Outubro (feriado da cidade de Lis-  
boa) de 1939.*



---

PUBLICAÇÕES CULTURAIS DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA — 1939

---

ALFONSO DE GARCIA

# LISBOA NA PAREMIOLOGIA PENINSULAR

Conferencia pronunciada no salão  
nobre dos Paços do Concelho em 25  
de Outubro de 1902  
(1902)



Publicação da Typographia Municipal de Lisboa



SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA

SENHOR MINISTRO DO INTERIOR

SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Na impossibilidade — em vista do penhorante convite com que fui distinguido — de me esquivar a tomar parte, como orador, nesta solenidade, procurarei reduzir ao mínimo o uso da palavra.

Não repetirei, pois, como historiador, o que todos sabem quanto ao feito que nos recorda esta sessão, evocadora, pela data em que se realiza, de façanhas de primacial relêvo nos anais da capital lisiponense. Nada teria a acrescentar ou a esclarecer quanto ao que já corre publicado com fundamento na bem escassa documentação da época. E é claro que não me afoitaria, como arqueólogo improvisado, a trazer à lembrança de quem, aliás, os não ignora nem esquece, os sítios onde tantas acções heróicas se praticaram há perto de oito séculos. Não possuo o suficiente conhecimento da topografia do pequeno núcleo da, mais tarde, vasta e populosa Lisboa, que a tal emprêsa me habilite. Além de que, há poucos meses ainda, nesta mesma sala, e com a segurança e desembaraço com que nós palmilhamos as ruas da baixa, o insigne mestre Sr. Augusto Vieira da Silva, percorreu, em espírito, acompanhado certamente pelos manes de Júlio de Castilho, as estreitas ruelas da cêrca moura, onde se travaram, faz agora precisamente 792 anos, os últimos e sangrentos combates que a entregaram aos soldados e aliados de D. Afonso Henriques.

Recorri, portanto, a assunto de mais comezinho alcance, e que mais e melhor se acomoda à índole de estudos por mim cultivados. Escolhi para

objecto dêste breve ensaio, o tema — *Lisboa na paremiologia peninsular* — cingindo-me particularmente, dentro dêste âmbito, a um antiqüíssimo prolóquio, que a maioria dos mais abundantes adagiários não registam. E entretanto, desde, pelo menos, o século XVI, vem êle formulado nestes termos:

*Quem não viu Lisboa  
Não viu coisa boa.*

Ora para que não vinguem contestações a dito de tão apropriado conceito, procurarei rebatê-las com testemunhos até de quem viu e admirou a nossa capital, exactamente na data histórica que a Câmara Municipal de Lisboa justificadamente celebra com a festa anual da cidade. E eis porque julgo que a minha palestra não ficará inteiramente descabida neste lugar e nesta ocasião.

Sou o primeiro a convir em que o assunto não se impõe, pela magnitude e importância, à ponderação ou à curiosidade de quem me escuta. Mas destas pretensas insignificâncias ou frivolidades, destas aparentes frioleiras ou bagatelas é que são feitas, em grande parte, as obras dos etnógrafos e dos folcloristas. E àcerca dos adágios, das adivinhas, das lendas, das superstições, das crenças, dos mitos, das tradições, dos costumes e usos do vulgo, de histórias de velhos e de historietas de crianças, de todos estes variadíssimos elementos da sabedoria, da filosofia, da imaginação ou da credence popular, que, em Portugal, se escreveram livros de valiosos estudos e de criteriosas anotações, como os de Teófilo Braga, de Sousa Viterbo, de Adolfo Coelho, de D. Carolina Micâelis, do sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, ou, sem sair desta casa, de um dos seus mais ilustres e categorizados funcionários, o sr. Dr. Jaime Lopes Dias, cujos trabalhos sobre a *Etnografia da Beira* são dos mais notáveis e completos, no género, que se têm publicado entre nós.

Em Espanha, bastará citar os preciosos volumes de Gonzalo Correias, de D. José Sbarbi ou do sr. D. Francisco Rodriguez Marin, cuja obra é um assombro de paciência e de tenacidade, para se reconhecer até que ponto, unicamente no ramo da paremiologia, se tem chegado ali, no esforço e na profundidade das investigações.

Não se me leve, pois, a mal que, na esteira de tão respeitáveis autoridades, eu não desdenhe ocupar-me com um dos ditados tópicos relativos a Lisboa, ao proporcionar-se-me o honroso ensejo de falar na sede da sua edilidade.



Alexandre Herculano publicou em 1843, no *Panorama*, a tradução duma narrativa de viagem de dois embaixadores mandados pela república de Veneza cumprimentar Felipe II pela conquista de Portugal. Eram êles os cavaleiros Tron e Lippomani, e o escrito data de 1580.

Apontam-se ali muitas particularidades curiosas àcerca dos hábitos e civilização dessa, conforme a expressão do narrador, «tamanha e tão nobre povoação». E observa-se: «São os portugueses mais ambiciosos de louvores que outra qualquer nação do mundo, afirmando que as suas façanhas são milagrosas. Celebram Lisboa com tal cópia de palavras, que a fazem igual às principais cidades do mundo, e por isso costumam dizer: *Quem não vê Lisboa, não vê cousa boa.*»

Tais observações, completadas com outras dessa narração, por diversos motivos, merecedora da versão com que o nosso egrégio historiador a divulgou, deixam a impressão de que os venezianos não assentiam inteiramente ao dito que, em tão remota era, punham na bôca dos portugueses «ambiciosos de louvores.» E, entretanto, se recorrermos ao testemunho de outros estrangeiros, tais como aquêles mesmos que, mais de quatro séculos antes, haviam fechado o cerco à Lisboa mourisca, veremos que não era destituída de fundamento a ambição de gabos por parte dos seus habitantes.

Nas interessantíssimas epístolas dos dois cruzados Osberno (?) e Arnulfo, traduzidas para a nossa língua, com o mais louvável escrúpulo, pelo Sr. Dr. José Augusto de Oliveira, e que esta Câmara teve a feliz iniciativa de mandar publicar como complemento do volume II da *Lisboa Antiga*, de Castilho, lêem-se as seguintes referências:

«Ao norte do rio (escreveu o primeiro dos autores citados) está a cidade de Lisboa, no alto dum monte arredondado e cujas muralhas, descendo a lanchos, chegam até à margem do Tejo, dela separado apenas pelo muro. Ao tempo que a ela chegámos, era o mais opulento centro comercial de tôda a África e duma grande parte da Europa... Os seus terrenos, bem como os campos adjacentes, podem comparar-se aos melhores, e a nenhuns são inferiores pela abundância do solo fértil... Nada há nela inculto ou estéril; antes os seus campos são bons para tôda a cultura.»

E, espraçando-se noutras minudências demonstrativas da riqueza e fartura da terra, e da bondade das suas águas e dos seus ares, chega a atribuir ao sôpro das auras a virtude de as éguas conceberem dos ventos!



O cruzado Arnulfo, referindo que as histórias dos sarracenos imputavam a Ulisses a edificação de Lisboa, depois da destruição de Tróia, exalta a «estrutura admirável das suas muralhas e das suas tórres, inexpugnável por fôrças humanas», averbando de «divina» a sua conquista pelos cristãos, tal era a superioridade da situação e das defesas de que dispunha, quer naturais, quer de artificio do homem.

Herculano, no capítulo da *História de Portugal* em que trata da tomada de Lisboa aos mouros, resume, nestes termos, as impressões que a cidade daquele tempo causou aos escritores coevos do facto histórico que se está aqui celebrando:

«Lisboa já então era cidade importante. A sua situação, hoje grandemente acomodada para ser um dos principais empórios do comércio do mundo, (se os erros dos homens ou os seus maus fados lho consentissem), não era nesse tempo menos própria para centro da navegação costeira dos mares oceano e mediterraneo, e, principalmente, para o tracto entre a Mauritania e a Europa. A bondade do porto, a brandura do clima, os ricos productos do territorio circumvizinho deviam tê-la engrandecido por muitos modos... Uma das cousas mais notáveis della eram as suas thermas ou banhos sempre tépidos, tanto no estio como no inverno, e que naquella epocha ficavam situados no centro da povoação. Era esta opulentíssima pelo tracto e mercancia dos portos d'Europa e d'Africa, e nella abundavam tanto o ouro e a prata, como os artefactos e generos mais preciosos que o luxo pode desejar ou a necessidade exigir.»

Com tais condições de beleza, de fertilidade e de opulência, mantidas nos tempos que se seguiram, não admira que, nos fins do século immediato, ou nos começos do século XIV, um «cantor do Senhor Infante», Álvaro Afonso, jogral do séquito do que veio a ser rei D. Afonso IV, chamasse a Lisboa «cidade tam boa», em versos arquivados no *Cancioneiro Português da Vaticana*.

Esse dito como que se reproduziu em um rifão equivalente — *Lisboa, coisa boa* — de tal modo vulgarizado que o Dr. Teófilo Braga diz tê-lo colhido da tradição popular do Alentejo <sup>(1)</sup>, e o sr. Dr. José Leite de Vasconcelos cita-o entre os ditados tópicos ou locais que coligiu <sup>(2)</sup>. E o que é certo é que o primeiro destes escritores alude à redacção espanhola dos *Autos das Barcas* de Gil Vicente, publicada em 1539, como incluindo tal dizer nos versos do seu Intróito, o que lhe atesta a ancianidade.

(1) *O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, T. I, p. 101.

(2) *Opusculos*, T. VII, p. 660.



É, todavia, para notar que, se esse ditado falta em alguns dos melhores adagiários, também na maioria dêles se não encontra aqueloutro que me serve de têma, e que já devia ser antigo em 1580, quando o narrador veneziano o atribuiu aos portugueses vaidosos. Porque esse dito ou prólogo deve datar de tempo ainda anterior àquele em que, conforme o testemunho de D. Francisco Manuel de Melo, ao censurar o uso dos perfumes, «o homem havia de cheirar a pólvora e a mulher a incenso», se homem e mulher queriam ser tidos em conta de pessoas de acatamento e respeito. E entretanto, se acaso não estou em êrro, não o arquivaram, porque provavelmente o desconheceram, os nossos melhores adagiaristas.

A todos creio que escapou, a-pesar-de o haver incluído, em meados do século XVIII, no *Florilégio de modos de falar e adagios da língua portuguesa* (1655), o P.<sup>o</sup> Bento Pereira. Marcou-o então — é certo — com o sinal indicativo de que fôra êle quem primeiro o coligiu, acompanhando-o do latim proverbial correspondente — *Nil pulcrum vidit qui urbem non vidit Ulyssis*.

Outro coleccionador, porém, arquivou o mesmo dizer. Num adagiário manuscrito que o sr. Dr. José Leite de Vasconcelos pôde compulsar em Roma, e cuja letra indica provir do século XVIII, vem êle reproduzido, posto que a versão latina seja diferente — *Cui sit Olysiippo non visa nec optima videt* —, levando assim ao superlativo a adjectivação do original português.

\*

Se, porém, falharam neste ponto os melhores rifoneiros portugueses, é interessante assinalar que em dois dos mais opulentos adagiários que têm vindo a lume em Espanha — no *Diccionario de Refranes, Adagios, Proverbios, Modismos, Locuciones y Frases Proverbiales de la Lengua Española*, de D. José Maria Sbarbi, cognominado o «Padre de los Refranes», e na obra monumental do eminente académico e meu venerando amigo sr. D. Francisco Rodriguez Marin, «decano dos folcloristas espanhois», sobre *Refranes Castellanos* — acha-se arquivado, em tradução de-certo corrente em terras espanholas, o dito a que me refiro.

No *Diccionario* lê-se: «*Quien no vido a Lisboa, no vido cosa boa*», com o seguinte comentário: «Es, sin duda, una manifestación de entusiasmo de algun portugués por la capital de su nación.»

Nos *Refranes*, em que foram coligidos e ordenados, em três grandes volumes, mais de 40.000, igualmente se lê, no tômo publicado em 1926: «*Quien* 9



*no ha visto a Lisboa, no ha visto cosa boa», entre estes dois adágios de semelhante conceito: «Quien no ha visto a Granada, no ha visto nada» e «Quien no ha visto a Sevilla, no ha visto maravilla.»*

Regista também o sr. Rodriguez Marin a expressão — *Lisboa una y boa* — de que não achei par em colectânea portuguesa, e à qual o douto escritor apõe esta nota explicativa: «Dicho a lo portugués». O adjectivo «una» certamente ali significa «única» ou sem igual, o que mais engrandece e exalta o encarecimento. É curioso o haverem os espanhóis adoptado, para rimar com «Lisboa», a palavra portuguesa «boa», que não têm na sua língua, pois o feminino do antigo e desusado termo «bon» é «bona», e o usual moderno é, como se sabe, «buena».

\*

Mas esta nossa Lisboa, cuja fundação a lenda atribue como que a uma aventura de viagem do famoso rei de Itaca, e que era em 1147 «opulentíssima», consoante a expressão do cruzado Osberno, e de «*mirabili structura*», segundo testemunhava o seu companheiro Arnulfo, em plena concordância com o depoimento de Dodechino; «grande e opulenta», como, decorridas poucas dezenas de anos, lhe chamava outro cruzado-cronista <sup>(1)</sup>; a predilecta de Afonso III, que a elevou a capital do reino; a «cidade tam boa» do jogral Álvaro Afonso; a «Lisboa fidalga» dum canto popular medieval; a «grande cidade, de muitas e desvairadas gentes», como se lê em Fernão Lopes <sup>(2)</sup>; a «ninha Lisibea» do *Auto da Lusitania*, de Gil Vicente, que a fez qualificar de «poderosa e narcisa» pelo Príncipe da Normândia, na *Nao de Amores*; esta

...nobre Lisboa, que no mundo  
Facilmente das outras é princeza,

no alto conceito de Camões; a «grão Lisboa» celebrada por Gabriel Pereira de Castro, na *Ulysea*, como sendo

um mundo numa só cidade,

<sup>(1)</sup> *Lisboa Antiga*, T. I, pág. 296.

<sup>(2)</sup> *Chronica do Senhor Rei D. Fernando*, T. I, introdução.



versão do «*orbs in urbe*», que Fr. Vicente Justiniano já também admirativamente lhe applicara <sup>(1)</sup>; esta Lisboa a que todos amorosamente nos prendemos pelos olhos e pelo coração, teve, em nossos dias, também poeticamente, quem lhe enaltecesse as belezas. E fê-lo, ao glosar-lhe em verso o ditado que tem servido de terna a esta prosaica divagação pelos domínios da paremiologia de Portugal e Espanha. Quero referir-me a António Nobre, nas oitavas do poemeto — *A Lisboa das naus cheia de glórias*.

Destinou-o êle em 1899, a uma homenagem a Almeida Garrett.

Se alguma vez um musicógrafo, de sentimento profundo e genuinamente nacionalista, se houvesse proposto compor a música prototípica, a música-padrão, chamemos-lhe assim, do nosso fado, ninguém melhor do que António Nobre lhe escreveria a letra. Pois foi o poeta do *Só* quem dedicou a Lisboa uma das poesias insertas nas suas *Despedidas*, e que o ilustre académico sr. Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima anotou e fez reimprimir em 1914. Constituía ella, segundo outro seu anotador, parte dum poema lírico a que o autor dera o título de *O Desejado*.

Há quem considere essa composição uma das mais belas dêsse singulárrimo poeta, cujo espírito se esvaíu em constantes ânsias, ora de vida, como nos versos em que bendizia os Alpes que, por algum tempo, lha haviam prolongado, ora de morte, como nas últimas rimas, que mais pareciam convulso e angustioso estertor de moribundo.

Principia o poemeto, de estranha originalidade, pela seguinte estrofe, em que o velho rifão é ligeiramente modificado para se acomodar às exigências da métrica:

*Lisboa à beira-mar, cheia de vistas,  
O' Lisboa das meigas Procissões!  
O' Lisboa de Irmãs e de fadistas,  
O' Lisboa dos lyricos pregões...  
Lisboa com o Tejo das Conquistas,  
Mais os ossos prováveis de Camões!  
O' Lisboa de marmore, Lisboa!  
Quem nunca te viu, não viu coiza boa...*

Seguem-se outras estâncias, de cunho semelhantemente pessoal, e que, se não são das mais belas do autor, como alguém pretende, podem citar-se como das mais típicas do seu estro, sempre torturado pela nostalgia.

(1) *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, T. IV, pág. 105 v.



São versos escritos por António Nobre longe da sua terra, sob o domínio da saúde que lha recordava no que ela tem de mais característico, movimentado e pitoresco; versos em que há invocações que, pelo seu imprevisto, poderão ferir sensibilidades não afinadas pela do poeta, que, de mais a mais, procurou intencionalmente evitar nêles o tom, para me servir da sua própria expressão, «demasiadamente académico», a que, por natureza, era avêso.

Eis algumas dessas oitavas, de tão forte sabor português, ou, para melhor dizer, lisboeta, nas quais há mais directas referências à cidade que as inspirara:

*Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,  
A Lisboa dos Poetas Cavalleiros!  
Galeras doidas por soltar a amarra,  
Cidade de morenos marinheiros,  
Com navios entrando e sahindo a barra  
De prôa para paizes estrangeiros:  
Uns p'ra França, acenando Adeus! Adeus!  
Outros p'ràs Índias, outros... sabe-o Deus!*

*O' Lisboa das ruas mysteriosas!  
Da «Triste-Feia», de «João de Deus»,  
Becco da Índia, Rua das Fermosas,  
Becco do Falla-Só (os versos meus...)  
E outra rua que eu sei de duas Rozas,  
Becco do Imaginario, dos Judeus,  
Travessa (julgo eu) das Izabeis,  
E outras mais que eu ignoro e vós sabeis.*

*Luar de Lisboa! aonde o ha igual no Mundo?  
Lembra leite a escorrer de tetas nuas!  
Luar assim tão meigo, tão profundo,  
Como a cair d'um Céu cheio de Luas!  
Não deixo de o beber nem um segundo,  
Mal o vejo apontar por essas ruas...  
Pregoeiro gentil, lá grita a espaços:  
«Vae alta a luar» de Soares de Passos!*

*O' Lisboa vermelha das toiradas!  
Nadam no Ar Amores e alegrias.  
Vêde os Capinhas, os gentis Espadas,  
Cavalleiros, fazendo cortezias...  
Que graça ingenua! farpas enfeitadas!  
O Povo, ao Sol, cheirando às marezas!  
Vêde a alegria que lhes vae nas almas!  
Vêde a branca Rainha, dando palmas!*



*O' suaves mulheres do meu desejo,  
Com mãos tão brancas feitas p'ra caricias!  
Ondinas dos Galeões! Nymphas do Tejo!  
Animaezinhos cheios de delicias...  
Vosso passado quão longinquo o vejo!  
Vós sois Arabes, Celtas e Phenicias!  
Lisboa das Varinas e Marquezas...  
Que bonitas que são as Portuguezas!*

Para complemento dêste estudo àcerca de prolóquio de tão lisonjeiro sentido para a nossa capital, permita-se-me a impertinência de relembrar outra glosa do mesmo mote. São as estrofes que, para satisfazer solicitações de quem promoveu as festas da cidade em Junho de 1913, escrevi, por êsse tempo, para servirem de letra de um hino a Lisboa.

Releve-se-me a vaidosa pretensão de as recordar, como remate, sem dúvida pouco feliz, dêste modesto ensaio. Perdoem-mo, atendendo a que são elas documento e prova do encantamento que sôbre um montesino da Beira tem sempre exercido a magia desta formosa e enfeitada terra, a cujo sopé ainda chegam, já brandas e adoçadas as águas inquietas e salgadas do mar.

*Ninfas do Tejo! Cantai  
a vossa pátria formosa  
— Lisboa dos sete montes,  
que em doirados horizontes  
recortam a linha airosa,  
e onde a luz do céu radiosa,  
sôbre a terra em jorros cai!*

*Tágides! Cantai:  
Quem não viu Lisboa  
não viu coisa boa.*

*Ninfas do Tejo! Cantai  
êste pais de cantares,  
donde outrora as caravelas,  
ruflando as arfantes velas,  
em busca doutros lugares,  
foram longe, a outros mares,  
aonde o Tejo não vai!*

*Tágides! Cantai, etc.*

*Ninfas do Tejo! Cantai  
aquela torre encantada,  
padrão de arte e poderio,  
que em Belém, à beira-rio,  
como um castelo de fada,  
ou uma guarda avançada,  
vigia quem entra e sai!*

*Tágides! Cantai, etc.*

*Ninfas do Tejo! Cantai  
êste povo, que em seu canto  
conta a sua triste vida,  
e cuja voz dolorida  
no fado suspira tanto,  
que lembra, ao correr do pranto,  
a melopeia dum ail!*

*Tágides! Cantai, etc.*

*Ninfas do Tejo! Cantai  
êste sol, que em cada aurora  
tinge de luz as colinas,  
enche de seiva as campinas,  
e o chão bendito, que enflora,  
aquece, beija, enamora,  
com a ternura dum pail!*

*Tágides! Cantai, etc.*

*Ninfas do Tejo! Cantai  
o que há de lindo em Lisboa,  
o que há de sonho e de anseio,  
sob um céu de estrêlas cheio,  
que a fantasia povoa  
de tanta ficção, que voa,  
e tanto ideal, que se esvai!*

*Tágides! Cantai, etc.*

*Ninfas do Tejo! Cantai  
a mais formosa cidade  
que há na pátria portuguesa,  
com luar de mais beleza,  
noites de mais claridade!  
E a terra-mãe da Saúde,  
ninfas do Tejo, saúdai!*

*Tágides! Cantai, etc.*



MINHAS SENHORAS  
MEUS SENHORES

Havendo-me restringido a propósitos muito mais comedidos do que os de historiador ou arqueólogo, apenas me propus dar relêvo e assinalar a antiguidade às singelas palavras dum adágio que, aliás, encerra, a-despeito da sua simplicidade, o melhor dos panegíricos. Tão expressivo êle é, que, se não parecesse elogio em bôca própria, bem poderia servir, pela concisão e justeza do conceito, e a-pesar da sua provável origem plebeia, de legenda ou divisa heráldica ao brazão da cidade.

Seja-me, porém, consentida uma exortação final. Dirigi-la-ei àqueles que, pelo seu engenho ou pela sua actividade, pelo seu talento ou pela sua iniciativa, pelo seu saber ou pela sua arte, possam concorrer para aumento das grandezas e belezas citadinas. Resume-se ela na veemente instigação a todos que disponham de tais aptidões e dotes, que os empreguem desveladamente em a tornar cada vez mais verdadeiro e certo êste ingénuo dizer do vulgo:

*Quem não viu Lisboa  
Não viu coisa boa.*

E isto com o patriótico fim de que nacionais ou estrangeiros, ao olharem os pitorescos cerros da metrópole lisiponense, os mirem e admirem com o mesmo enlêvo e espanto com que os cruzados-cronistas, que ajudaram a conquistar-la na data gloriosa que esta solenidade comemora, contemplaram e descreveram uma apenas dentre as suas sete colinas — a da velha cêrca moura, de que se está devotadamente restaurando, com sincero aprazimento dos Amigos de Lisboa, o multiseccular castelo, que lhe serve de nobre coroamento.

